



III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

## AS MULHERES SOB O OLHAR DA INQUISIÇÃO: CRENÇAS E PRÁTICAS NA AMÉRICA PORTUGUESA

**Maria Auriane Otávio Cabral**

Graduanda em História UFCG

[mariaxauriane@gmail.com](mailto:mariaxauriane@gmail.com)

**Juciene Ricarte Apolinário**

Professora Doutora PPGH/UFCG

[jucieneufcg@gmail.com](mailto:jucieneufcg@gmail.com)

**Lana Gomes de Araújo**

UFCG/FACISA/PPGH

[lanacamilagomes@gmail.com](mailto:lanacamilagomes@gmail.com)

As mulheres que adentraram no reino da feitiçaria foram por muito tempo concebidas como “malditas”, por apresentarem elementos do imaginário em que determinava o indivíduo entre a dimensão do sobrenatural e o mágico. Mostrando-se capazes de adivinhar o que estava oculto, fazendo feitiços - que tornariam um modo de vingança e curas milagrosas - foram denominadas muitas vezes como bruxas e feiticeiras, pela cultura popular.

Por outro lado, as instituições coloniais se encarregavam de repreender, punir essas tais práticas dessas mulheres consideradas feiticeiras, pois ao olhar da Igreja Apostólica Romana, sob o viés da cultura oficial, não havia tolerância para aqueles que se submetessem a qualquer outro tipo de heresia, considerando-os tais práticas como diabólicas.

Através desse sincretismo religioso, como indica (SOUZA,1986) foi importante para nossa identidade cultural. Contudo, a elite dominante com total autoridade e





intolerância, enviaram a visita do Tribunal do Santo Ofício de Lisboa, na colônia do Brasil, para assim manter vigilância nas terras mais prósperas da colônia. A instalação das visitas do Santo Ofício eram sobretudo, impor as perseguições a todos aqueles que tentavam de alguma forma resistir diante do contexto autoritário da Igreja.

Na primeira visita do Santo Ofício, nos anos de 1591 a 1595 o inquisidor Heitor Furtado de Mendonça investigou as práticas dos judaizantes dos cristãos velhos já radicados aqui, no entanto, de acordo com as informações impostas através do livro de *Denúncias e Confissões* durante a presença do inquisidor sob as terras luso brasileiras, foi encontrado uma grande predominância de processos contra mulheres praticantes do judaísmo.

De acordo com Sampaio e Silva (2012), a visita de Heitor Furtado tinha como o foco principal o propósito de investigar as práticas dos judaizantes entre os cristãos-velhos já radicados aqui, tal devassa veio revelar os segredos mais ocultos da sociedade da Colônia. Nunca tantos fatos e segredos foram reunidos, sob forma juramentada, fornecendo ao analista social dos dias atuais um retrato vivo da vida doméstica e social dos primeiros anos da colonização portuguesa”.

Diante da vasta gama de crimes denunciados o mundo das feiticeiras revela como o período colonial tratava às práticas mágicas desempenhadas especialmente por mulheres e ao terreno de atuação das bruxas, que também fizeram parte do multifacetado ambiente religioso da colônia.

Ainda nessa discussão, podemos considerar aquilo em que Anita Novinsky apresenta que

foi gradativa a ampliação de seus objetivos até buscar diversos tipos de comportamentos e crenças. As heresias em matéria de fé juntaram-se feitiçaria, bruxaria, sodomia, bigamia, blasfêmia, proposições, desacato e problemas diversos de outras sexualidades. (NOVINSKY, 1987, P. 92)

Dito isso, é sabido que as perseguições da Inquisição não eram apenas para aqueles que pregavam outra fé, como também outros costumes e práticas atrelados





naquele cotidiano, a exemplo, do que já foi mencionado, a Igreja invadia o cotidiano das pessoas. Ao adentrarmos no reino da feitiçaria, podemos percebermos o quanto aquelas mulheres “malditas” foram, maltratadas, denunciadas e torturadas por conta das condutas dessas mulheres.

Narra Souza e Silva (2012) que muitas dessas mulheres eram consideradas damas da magia, ao analisar casos de mulheres feiticeiras residentes na Capitania de Pernambuco. Algumas dessas mulheres, prestavam-se a serviços relativos ao amor, mulheres possuidoras dos segredos capazes de inclinar vontades e propiciar amores desejados, muitas delas já eram degredadas do Reino por usarem esses saberes.

Nessa mesma discussão, Priscila Cozer (2014) mostra ao analisar as práticas mágicas em Minas Gerais por mulheres negras, como a sexualidade estava interligada com a feitiçaria ou com as práticas mágicas, que muitas mulheres praticavam tanto para se vingar como para atrair o amor. E, a feitiçaria passou a ser considerada um pecado mortal.

A autora analisa ainda que como a Igreja se inseria nesse contexto, quando tentava dizer as pessoas como deveriam lidar com seu corpo e sexualidade. Isso porque se acreditava que, assim como a alma, o corpo também deveria ser casto e puro para que os fiéis alcançassem a salvação. Sabemos que a vigilância e repressão Eclesiástica não foram tão eficazes devido ao vasto território da América Portuguesa e dos processos em que aparecem os padres como investigados.

É pertinente inserirmos nesse debate a ótica em que a autora Laura de Melo e Souza(1986), onde ela vislumbra, sobre o reino da feitiçaria na colônia do Brasil, em sua cuja obra *O Diabo na Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade*, apontando como os relatos ocidentais fariam com que o imaginário do Velho Mundo oscilasse logo no início do processo da colonização, considerando as figuras do Éden e do inferno. Como diz a autora que

durante todo o processo de colonização, desenvolveu-se, pois, uma justificativa ideológica ancorada na Fé e na sua negação, utilizando e reelaborando as imagens do Céu, do Inferno e do Purgatório. (SOUZA,1987)





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

A autora nos traz reflexões, de como era visto o Brasil em seu passado colonial, que fora através do sincretismo religioso adotados pelos povos em que habitavam no Brasil, teve-se de maior alvo de acometer às figuras femininas, o elemento feminino foi apresentado com mais ênfase nos processos inquisitoriais, pois muitas mulheres que viviam sozinhas, ou até mesmo trabalhavam para se auto sustentarem eram consideradas “bruxas” ou prostitutas, na colônia portuguesa da América. Assim as magias estavam muito ligadas ao conceito de prostituição. (SOUZA, L. M. *O Diabo*, 97-98)

Dentre outras historiadoras da Nova História Cultural a exemplo de Mary Del Priore, podemos dialogar com a figura da mulher durante o período colonial do Brasil e enfatizar a subordinação da história do feminino diante da Igreja e do Patriarcalismo da época:

A alma feminina seria, pois incontinente por fraqueza e sua inferioridade seria mais moral que intelectual... é por isso que o lugar da mulher não é no corpo político, mas no espaço doméstico, onde pode realizar sua tarefa natural... sob o controle do esposo. (DEL PRIORE, 2003, p.172).

A história das mulheres é relacionada com a história do seu corpo, da sua sexualidade, das suas condutas políticas, econômicas e das suas relações com o gênero masculino. As violências em que sofreram e que praticaram, das suas loucuras, dos seus sentimentos e dos seus amores.

A relação entre as culturas impostas como oficiais e as culturas populares, no que discerne Carlos Ginzburg (1991) sobre a “circularidade cultural” em sua clássica obra *O Queijo e os Vermes, Andarilhos do Bem e História Noturna* foi um importante pesquisador sobre as ações em que a Igreja Católica que perseguiram os hereges no mundo medieval.

A documentação selecionada no decorrer da pesquisa consta que a mulher, considerada feiticeira da Baía de cujo nome Maria Gonçalves Cajada, de status cristã velha foi reprimida pelo inquisidor Heitor Furtado de Mendonça:





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

A ré irá ao público a auto público em corpo com uma vela acesa na mão e com uma carocha infame na cabeça, ficará em pé enquanto se celebrar a missa e ouvirá ler a sua sentença, será embarcada para o reino, cumprirá penitencias espirituais, instrução na fé e pagamento de custa. (*TRIBUNAL DO SANTO OFICIO, Inquisição de Lisboa, proc. 10748*)

Nas denúncias feitas a Maria Gonçalves Cajada, consta que ela praticava feitiçaria e entendia “de ser arte do diabo”. A ilustríssima feiticeira Violante Carneira, da Capitania da Bahia foi pega pelo Licenciado Heitor Furtado e, em seus processos declarou-se fazer pactos diabólicos com Maria Gonçalves Cajada de que

[...] ela era feiticeira diabólica e fazia feitiços com ajuda dos diabos, e lhe mostrou uma chaga em um pé todo inchado, e lhe disse que em certos dias da semana os diabos lhe tiravam daquela chaga um pedaço de carne e quando ela chamava os diabos, se lhe não dava muita ocupação, lhe tiravam dali então da dita chaga carne”, e” ia ao pego do mar de mergulho tirar certas cousas para fazer feitiços, e que com feitiços sabia e fazia o que queria. (*CONFISSÕES DA BAHIA, 119- 121*)

Domingas Brandôa, feiticeira de Pernambuco, foi denunciada pela portuguesa Maria de Escobar, disse ao inquisidor que quando estava na prisão com Domingas Brandôa, fizeram uma cerimônia na cadeia para com uma vassoura e que depois ela disse que iriam serem soltas por tais pessoas no dia seguinte e assim foi feito. (*Primeira Visitação do Santo Ofício as partes do Brasil, Confissões de Pernambuco, p. 121*)

Portanto, ao analisarmos esses depoimentos das práticas e crenças relatadas nos processos inquisitoriais são extremamente importantes para a compreensão sobre expressões religiosas, divergentes que havia naquela época. Conclui-se também, de como aquelas mulheres foram violentadas tanto psicologicamente e fisicamente, d e como foram perseguidas principalmente se a mulher fosse solteira, que obtinha seu próprio sustentos, tentando viver de uma maneira independente era sinônimo de bruxa





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COZER, Priscilla. **As práticas mágicas nas Minas Gerais do Século XVIII**. XVI Encontro Regional de História. Universidade Estadual do Paraná/PR. (2014).

GINZBURG, Carlos. **História Noturna** – decifrando o Sabá. 2ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 1991.

\_\_\_\_\_. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

SAMPAIO, Juliana Cunha; SILVA, Kleber. **Mulher e feitiçaria na América Portuguesa no século XVI**: cotidiano, magia e inquisição. X Encontro Estadual da Anpuh – PE. História e Contemporaneidade, articulando espaços, construindo conhecimentos (2012).

SOUZA, Laura de Mello e. **O Diabo e a terra de Santa Cruz**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo**: condição feminina, *maternidade e mentalidade no Brasil Colônia*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

NOVINSKY, A. **O Tribunal da Inquisição em Portugal**. Revistas da Unidade de São Paulo. São Paulo, (5): 91-98, jun. 1987.

